

J.10174

COMPRA

OS NOSSOS

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
30 DE DEZEMBRO DE 1907

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300 rs.
 Colonias..... 400 *
 Brazil (moeda forte)..... 900 *

Tiragem 6:000 exemplares.

OS NOSSOS

J. L.

AOS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Pedimos o favor de enviarem a importancia das suas assignaturas em estampilhas ou vale de correio, pois que, sendo feita pela Redação, ser-lhe-ha augmentada do respectivo porte de cobrança.



AOS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Pedimos o favor de enviarem a importancia das suas assignaturas em estampilhas ou vale de correio, pois que, sendo feita pela Redação, ser-lhe-ha augmentada do respectivo porte de cobrança

Em busca d'um ideal
 Que nos fascina e seduz,
 Vae traçando com firmeza
 Novos caminhos de luz

A 2.^a SERIE

DO

“AZULEJOS”

Sendo o proximo numero o primeiro da 2.^a Serie do **Azulejos**, a redacção aproveita a occasião para agradecer o bom acolhimento que o publico lhe tem dispensado.

Correspondendo a tanta gentileza procuraremos melhorar o nosso semanario, augmentando-lhe o numero das gravuras, publicando trechos dos nossos auctores classicos, e creando novas secções, entre ellas uma que reputamos interessante e se destina á inserção das producções dos poetas e prosadores infantis, até aos 12 annos d'idade.

A pagina musical será honrada pelos nossos mais laureados e inspirados compositores, que já nos prometteram a sua valiosa collaboração.

Estas e outras modificações que temos em mente decerto farão com que a sympathia publica se mantenha tornando o **Azulejos** um jornal interessante, util, unico no seu genero e o mais barato de todos os que existem em Portugal.

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietário e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORS
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LAGERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
30 DE DEZEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura

(Pagamento adiantado)

SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6.000 exemplares.

A todos os seus assignantes e leitores
A Redacção do AZULEJOS

Deseja festas felizes



E TORRADAS



ESDE o Natal que se conserva no estado comatoso.

Por mais injeccões que lhe tenham dado, o desventurado está irremediavelmente perdido.

Por descargo de consciencia fizeram-lhe hoje uma junta, mas os Esculapios declararam que tinha entrado na agonia e que, ao bater da meia noite do dia 31, terá deixado de existir.

Coitado! Viveu 365 dias, o desgraçado! Apenas 365 dias! Mas não se sabe ao certo o que teria succedido se vivesse mais, porque em tão curto espaço matou muita gente e, estava disposto a continuar, se o deixassem.

Felizmente tinha os dias contados e foi-se. Se tem tido a lembrança de viver 400 dias, como fez um mano que teve em tempos, e que intitularam o *Confusão*, imaginem do que seria capaz este patife do 1907.

Vae te para as profundas... da Eternidade! Some-te coisa má! Que os abutres te rôam o figado como fizeram ao pobre Prometheu que, afinal, era cincoenta vezes melhor do que tu.

Não deixas saudades, não; ficas para sempre nos calendarios, que mais queres?

O que me consola, é saber que não voltas, por mais que barafustes; que morreste impenitente para ficares penando por esses seculos sem fim de que foste um dos mais tristes ornamentos.

E antes de te deitarem no caldeirão de Pero Botelho que está cheio de chumbo derretido e pez em ebullicão, hão de repar-te as barbas e a cabelleira e dar-te com o cabo da fouce n'esses lombos que, nem ao menos, se podem aproveitar para bifes.

Fazes uma caretta? Custa-te a largar a pelle?

Não é isso? Então que querias tu? Um necrologio?

Um necrologio convenientemente adjectivado, como é de uso para todos os que morrem e se transformam n'essa hora solemne nas melhores pessoas d'este mundo?

Não estás bom de cabeça.

Tu mereces lá a sombra, sequer, d'um adjectivo laudatorio?

Maroto, velhaco, traste, patife, cara sem vergonha, gatuno, ladrão, bandido, assassino, incendiario, despotico, oppressor, tyranno....

São estes os epithetos que te convem.

Não te servem? Pois não mereces outros e fica-te qualquer d'elles muito bem.

1907, o tyranno; 1907, o cara sem vergonha, 1907 o assassino; 1907, o oppressor!

E quer queiras, quer não queiras, a Historia imparcial e séria ha de gravar-te na fronte envilecida por tantas paixões ruins, o ferrete da ignominia, a marca indelevel do despotismo e da tyrannia.

Porque tu foste um tyranno, porque tu foste um malvado. Deixaste-me, pobre como d'antes, a mim que me havia fiado nas tuas promessas, nas tuas palavras adocicadas, e cahí com um bilhete da loteria do Natal. E fiquei com um anno mais e 80\$000 réis de menos.

E hei de gabar-te, maldito!

Não, não, mil vezes não! Morre para ahi como um cão tinhoso e que sobre a tua memoria execrada tudo pese e tudo esmague!

Só uma cousa tiveste boa: as victorias em Africa e principalmente a dos Cuamatas. Seria, talvez, uma razão, a levar em conta, para te relevarem algumas faltas, alguns crimes, alguns desmandos; mas não quero, porque se foste melhor quando se approximava o termo da tua existencia diabolica, foi porque te sentias velho e incapaz de virar o dente e de morderes.

O teu filho, o que vae succeder-te, é um pouco mais crescido. Segredam-me que será peor que o senhor seu pae; mas não creio, porque peor não ha, nem pode haver; o pae attingiu as raias do inverosimil, os limites do impossivel; e, não sei porque, palpita-me que o filho será todo cheio de rosas e boninas, alegrias e delicias, felicidades e abundancia, riquezas e confortos.

E' bissexto?

Melhor; mais um dia para folgar, mais um dia para tomar... chá e torradas.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

Aerostaterapia. — Em vinte e cinco de Novembro do corrente anno, ovia a Academia das Sciencias de Paris a leitura dum trabalho de Cristiano Beck, que não damos na integra, por ser demasiadamente longo, mas cujas conclusões, interessantissimas, vamos submeter á apreciação dos leitores.

Beck é d'opinião que, mercê dos progressos da *aerostação*, será possível dentro em breve, beneficiar os tuberculósos com *curas d'ar* de notavel efficacidade.

Todos sabem que, acima duma determinada altitude o microbio da tuberculose vive mal, resultando desta noção procurar-se para o tuberculoso a purêza bacteriologica do ar em localidades situadas em pontos muito altos e abrigados dos ventos. Hoje, vai-se mais longe, chegou-se ao conhecimento de que a tal purêza bacteriologica da atmosphera depende muito menos da altitude do que do numero de habitantes que vivem na localidade observada. Pode encontrar-se no deserto, ainda que este esteja a meia duzia de metros acima do do nivel do mar, e não existir nas estações d'altitude mais em voga, bem que estas sejam colocadas muito *superiormente* ás campinas da planicie. E' que, *lá em cima*, algumas centenas de tuberculósos expelindo quotidianamente, cada um, cerca de sete milhões de microbios, o ar será fatalmente mais conspurcado, do que *cá em baixo*, se houverem poucos doentes.

Destas considerações nasceu a idéa de facilitar a cura dos tuberculósos pêla *aerostaterapia*, unico tratamento d'altitude que pode ser feito sem temer os perigos da aglomeração.

Na terrivel doença a que nos referimos, a purêza quimica do ar não tem menos efeitos benéficos que a bacteriologica e aquélla, salta aos olhos, só a aerostaterapia a pode fornecer aos desgraçados portadores do terrivel morbo; porque, só a uma determinada altura acima do sólo é que existe a ausencia completa de poeiras vegetaes e mineraes.

A cura em balão permitirá pois graduar progressivamente a dose d'altitude, conforme a aclimação realisada pelo doente. Assim: subir se-ha a 1000, 1500, 2000 metros e mais.

Como facilmente se compreende, individualisa-se, por este processo, a dose de altitude. Nos sanatorios é isto impossivel de fazer: doentes que necessitem de 1000 ou 1500 metros poderão vêr-se forçados a permane-

cer na altitude de 800; outros que só necessitem de 800, ver-se-hão obrigados a vivêr a 1000 ou 1200, e isto por efeito das mil e uma circunstancias especiaes da vida humana, meios de fortuna, distancias a percorrer etc, etc.

Uma particularidade não menos importante da aerostaterapia, é que o doente poderá elevar-se rapidamente acima dos nevoeiros que tantas vezes, especialmente no verão, asserbam e invadem a estações d'altitude, mórmente as da Suissa. Por meio do *balão sanatório* pôde pois *localisar-se a cura* conforme o estado do tempo; e os pobres tuberculósos verão assim aumentado o numero anual de dias bonitos e vivificantes, postos á sua disposição para o tratamento. Elevando-se a regiões submetidas a esta benéfica insolação, o doente verá desenrolar-se-lhe aos pés um mar de nuvens que nesse momento está banhando os habitantes da celebrada altitude alpêtre. Alem disso, está provado, que a frequente mudança d'ar, que a *aerostaterapia* permite e realisa, é favoravel ao tuberculoso.

A cura deve ser diurna; os doentes colocar-se-hão em grupos, reunindo aquêles que necessitem da mesma altitude, numa galeria suspensa a um balão cativo, cuja técnica, sôb o ponto de vista da capacidade d'elevação que possuem actualmente estes aparelhos, pode ser aperfeiçoada.

E' tão conhecida a importancia da altitude no tratamento das doenças das vias respiratorias, que é quasi inutil insistir na excelencia do sistema acima apontado, ainda que em ligeiro esboço, o qual permite metodisar este elemento de cura, simplificando-lhe extraordinariamente, a applicação e a experimentação.

As cavernas da Europa. — Segundo a autorizada opinião de E. A. Martel, as mais belas cavernas da Europa, aquêlas que pelas suas fantásticas ornamentações naturaes, estalactites e estalagmites, mais atraem e seduzem os sabios e os curiosos, são:

La cueva del Drach, na ilha Maiorca, Baleares; possui o maior lago subterraneo de que ha conhecimento e apresenta no interior quadros verdadeiramente indescriveis.

Gruta de Han sur-Lesse, na Belgica, que tem cinco kilometros de desenvolvimento.

Saint-Marcel d'Ardeche, França: é interessantissima. Existe ahi uma comprida avenida sinuosa, com três andares.

Vêm-se tambem nesta gruta dois pontos originalissimos pêlos detalhes especiaes e feitos extraordinarios que apresentam, a *bacia das rendas* e o *teatro*.

O abismo de Padirac, França. Tem três kilometros d'extensão e apresenta de notavel um abismo de 100 metros de profundidade e 30

d'abertura, um rio subterraneo navegavel, uma aboboda em zimbório com 91 m. d'altura, cobrindo dois lagos sobrepostos e ainda outras belezas naturaes.

Bétharran, França. Tem quatro andares sobrepostos, com três kil. d'extensão.

O andar inferior é occupado por um rio de mil e oitocentos metros.

L'Aven Armand, França, onde existem 400 arvores de *Calcite*, medindo entre 1 e 30 m. d'altura.

Gruta de Dargilan, França. E' uma das mais belas grutas do mundo. Tem um labirinto acidentado e uma esplendida sala com 190 m. de comprimento e 60 d'altura, alem d'outras belezas naturaes a que chamamos *monumentos*.

Adelsberg, Austria. E' a mais vasta gruta da Europa; tem onze mil metros d'extensão. *A sala do Calvario*, existente nesta gruta, mede 203 m. de comprimento, 195 de largo, 49 de alto. Não pôde ver-se em menos de três horas.

ARIOSTO PALMANDO.

ESPIRITISMO

Poesias de João de Deus?

As poesias que hoje inserimos n'esta secção foram obtidas pelo *medium* escrevente R. S., na presença de alguns medicos muito conhecidos e são attribuidas ao eminente poeta e pedagogo João de Deus.

Antes de começada a secção, devida ao simples acaso, visto como nada estava preparado para esse fim, os medicos examinaram o *medium* vendo que não existiam n'elle symptomas de esterismo nem de exaltação nervosa.

Foram escriptas rapidamente, uns cinco minutos, apenas, e a assignatura que as subscrevia era perfeitamente identica á do seu supposto auctor.

O lapis deslisava leve e vertiginosamente sobre o papel, deixando uns caracteres diversos dos da escripta de R. S., que não conheceu o malogrado mestre.

Como o fim que nos propoemos não é de criticos, censors ou defensores da ideia espirita, mas o da simples exposição de factos, deixamos ao lucido intellecto dos que nos leem o direito do commentario.

Limitamo-nos apenas a dizer que os versos nos fazem lembrar as produções do saudoso poeta, facto que, aliás, qualquer pessoa conhecedora da forma simples, harmoniosa e bella empregada no Campo de Flores e em outras produções de João de Deus, poderá apreciar.

Seguem as poesias:



Descrença

Branca açucena
Que a brisa amena
Faz baloiçar,
Não tenhas pena
Da côr morena:
Vê o luar!

Até as flores
Vivem de dores,
Pedem a morte!
São como gente
Nunca contente
Da sua sorte!



O bem do mal

Chagas de Christo
Que são um mixto
De bem e mal;
Sangue brotando
Que vai lavando
Tanto mortal!

F'ridas sagradas,
Abençoadas,
Perdão do mal;
Graça divina
Que se destina
Ao bem moral!

Qual outro sol,
N'um arrebol
Spalhando luz,
O Deus do templo
Tão grande exemplo
No mal traduz!

Eis a razão
Da Redempção
Do Creador;
Do corpo exangue
Jorrando sangue
Que diz Amor!



Compensação

No trilho santo
D'este viver
Um doce pranto
Ando a verter.

Traçou-me Christo
Este fadário
E eu bem resisto
A tal Calvário.

Prazer infinde,
Risonha sorte,
Eu vou fruindo
Apos a morte.

'Smola bem dita
Do ceu baixou
E da desdita
Me compensou.

13-3-1907



Mascaras illustres



Pinheiro Chagas



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

III

Não pode imaginar-se a comoção que este nefando crime produziu em toda a cidade de Paris: ao meu gabinete e ao do juiz d'instrução, chegavam: a cada instante, as noticias, as denuncias, os esclarecimentos mais extraordinarios e contraditorios. O povo miudo aglomerava-se constantemente á porta do predio onde se dêra o triste acontecimento, pejando a entrada e saída e dizendo taes coisas, fazendo taes comentarios e allusões, que a policia, muitas vezes, seguindo, pelo que ouvia, pistas falsas, prendeu e fez conduzir ao deposito, gente que, a breve trêcho era posta em liberdade, por se provar immediatamente que nada tinha com o crime.

Dissémos que o assassino tinha deixado a faca, quando fugira. A arma apresentava a marca F. N., sem indicação da terra onde fóra fabricada. Escreveu-se para as principaes fabricas da capital e das provincias, mas as respostas não chegavam.

No entretanto, enquanto se aguardava o resultado d'estas pesquisas, a instrução do processo continuava e em resultado d'ella, um esclarecimento importante veio dar ao negro caso alguma luz. Foi o seguinte: M.^{me} Dellard, antes de vir morar no boulevard do Templo, habitara no predio n.º 65 da rua das Filhas do Calvário. Ora o porteiro e um criado desta ultima casa fizeram as declarações que seguem:

Pelas quatro horas da tarde do dia do crime, achava-se o dito criado no patio, tomando, a pedido do porteiro, conta do cu-

biculo deste, porquanto tivera de sair, quando viu apparecêr-lhe um rapaz de pouco mais ou menos, vinte e cinco annos, e cujos signaes correspondiam, um tanto vagamente é verdade, aos do assassino, tal qual m'os tinham descripto na casa do boulevard.—Trazia um chapêu de chuva na mão e uma pasta debaixo do braço.

—Madame Dellard, está?
—Não conheço essa Sr.^a, respondeu o criado, faça favor de esperar um bocadinho, que o porteiro não se demora.

O homem passou agitado no patio durante alguns minutos e conservou-se em estado de grande preocupação até á chegada do porteiro Willaume.

—O tal individuo, disse Willaume quando o interroguei, caminhou rapidamente para mim e perguntou-me se M.^{me} Caboret estava em casa. Esta Caboret era uma antiga criada de M.^{me} Dellard; estivera durante muito tempo ao serviço da desgraçada mulher e só a deixou quando, cansada e doente, ás suas modestas economias se juntou o dinheiro da reforma do marido, soldado d'artilharia, condecorado com a Legião d'Honra.

—Respondi que ignorava a morada dos Caboret, mas que lhe seria facil sabê-la por intermedio de M.^{me} Dellard, que certamente, a não ignorava. A sr.^a baronêza, acrescentei, mudou-se desta casa e mora actualmente no boulevard do Templo 42.

O tal rapaz então, retirou-se passo sem me agradecer e dirigiu-se a quasi rapido para o boulevard.

Acabavam estes dois homens os seus depoimentos quando se me apresentou um mancebo de 18 annos, M. M..., rapaz intelligente, empregado num estabelecimento industrial da rua das Filhas do Calvário e que, espontaneamente veio declarar, que a pessoa que viera saber a morada dos Caboret e da baronêza, lhe falára tambem em quanto esperava a chegada do porteiro.

—Reconhecê-lo-ia entre mil, disse M. M..., tenho ainda no ouvido o timbre da sua voz.

Vestia correctamente e deu-me ares dum escrevente de tabelião.

Trazia uma pasta debaixo do braço e na mão um chapêu de chuva delgado, fino e muito bem enroladinho. Vestia um casacão azul escuro com riscas assetinadas, em diagonal, lembro-me perfeitamente... chapêu alto, fino, de sêda, destes que chamam d'aba direita... ora se me lembro.

Estes depoimentos, condizendo tôdos, calaram no meu animo, produziram em mim uma impressão mais funda do que tudo que até então me tinha chegado aos ouvidos.

O caso apresentava-se mais claro: a baronêza fora assassinada por alguém que, não só a conhecêra a ella, mas tambem á Caboret, sua antiga criada.

Chegaram nêssa acasião, montanhas de respostas das fabricas de cutelaria.

Um fabricante de Thiers, informava-me de que era elle que fabricava aquella marca especial. Enchia d'aquelles instrumentos os principaes países da Europa e todas as cidades da França, frizando que o Grande Bazar da rua da Republica, em Lyon, era um dos seus melhores clientes.

Todos os detalhes, pormenores e informações que pareceram á policia têr algum valor, foram por esta transmitidos á imprensa periodica e esta, por seu turno, espalhava as noticias por milhões de leitores. Isto é o que a instrução queria era uma e a mesma coisa, por quanto, compreende-se, interessava o grande publico nas pesquisas policiaes. Cada leitor era um agente sincero, investigador e... gratuito. Não nos admirámos pois, nem eu nem Mr. Poncet, quando, algum tempo depois, nos caiu no gabinete uma verdadeira avalanche de cartas, quasi tôdas destituidas de interesse, mas no meio das quaes encontrámos uma que, á primeira vista, nos pareceu das mais importantes.

(Continúa)

VIDA

Quando ás vezes quieto eu sigo em pensamento
Atraz do grande enigma original da vida,
Minha imaginação desfalece perdida
No labyrinth mau de um pensar incruento.

O horizonte infinito, o mar, o sentimento,
Tudo que nos envolve, a meditar convída.
Mas sempre a intelligencia, enfada e vencida,
Pára, confusa e triste, em louco desalento.

Vae altivo a raiar pela amplidão infinda
O sol da evolução, dentre os vaes-vens da sorte,
A' mercê da sciencia, aurora santa e linda.

Tudo vae descobrindo a intelligencia forte.
Um enigma porem não decifrou ainda:
As origens do mundo e a explicação da morte.

(Do livro *Versos d'um contemporaneo*)

RAFAEL A. LEZAMETA

ODE A' MOCIDADE

Quanto mais te namora, mais reluz
O sol: e ao ver-te, a sombra se illumina
n'uma alvorada mystica, divina...
— porque tu és a Luz!

Atraz d'um sonho lindo que não cansa,
lá vae tua alma cheia d'illusões...
Confiam n'ella os tristes corações,
— Porque tu és a Esperança!

Satan, rei da mentira e falsidade,
cega, só d'encarar os olhos teus...
Trazes no coração o proprio Deus,
— Porque tu és a Verdade!

A natureza morta, envelhecida,
floresce com o sol do teu sorriso...
Um beijo teu bem vale o paraizo,
— porque tu és a Vida!

N'um incendio se torna, ao teu calor,
O seio da mulher gelada, fria...
Bem dita sejas, alma da alegria,
— Porque tu és o Amor!

Percorres livremente a immensidade
nas azas do ideal, feito d'estrellas...
Derretem-se os grilhões no fogo d'ellas,
— porque tu és a Liberdade!

Nunca o teu braço fraquejou na liça
aonde se combate peito a peito...
Com teu sangue semeias o Direito,
— porque tu és a Justiça

Almas de Novos! urge construir
um novo e glorioso Portugal.
Sigamos, olhos fitos no ideal,
caminho do Porvir!...

(Das *Canções da Vida*)

LUIZ CEBOLA

Subscrição promovida pelo «Azulejos» a favor das escolas de cegos Branco Rodrigues.

N'esta epocha em que a imprensa, com rarissimas e honrosas excepções, se entretém fazendo concursos com o fito no augmento das tiragens e, consequentemente, na ampliação do capital, procuramos nós, infimos rabiscadores, expôr á caridade publica as paginas do nosso semanario, fazendo assim um concurso cujo fim unico é o de attenuar, n'estes dias festivos, a angustia dos cegos das Escolas Branco Rodrigues.

O appello foi coroado de bom exito que hade certamente avolumar, porque a alma portugueza, generosa e boa, é delicada e sensível como as flores, facil de vibrar como um diapasão immenso, quando a percute a desgraça, deixando-se encaminhar para a pratica do bem, como se fôra creança fraca e docil.

Quem dá aos pobres empresta a Deus, que lhe devolve maior quantia.

Ao dar a esmola a alegria innunda-nos a alma, alliviando-nos o peso da consciencia. O prazer da esmola todos o tem experimentado, quando pelas faces lhes escorregam as lagrimas, — bemditas lagrimas d'alegria — como n'esta redacção temos presenciado ao recebermos das mãos dos benfeitores as suas desinteressadas dadas.

Subscrição em dinheiro:

Do n.º anterior.....	6\$000 réis
R. A.....	1\$500 »
Segue total.....	7\$500 »

Dadivas

Uma leitora do *Azulejos*—Sobremesas para o jantar do dia de Natal.

Um assignante — 3 garrafas de vinho do Porto.

Anonymo X. Y. -- Uma perúa.

Pensamentos

Se fizeres boa acção por calculo, em gera sae-te o calculo errado.

M.^{me} DE STAEL.

A educação faz que uma criança sêja, para seus paes, uma recompensa ou um castigo.

PETIT-SENN.

O trabalho afasta de nós três grandes males, o aborrecimento, o vicio e a necessidade.

GRAY.

A mulher é dinheiro sem toque, d'aqui o ignorarmos se é falsa ou verdadeira.

G. MADUREIRO.

Emmudecei o genero humano e offuscae-lhe a razão se não quereis ouvir-lhe a critica que envolve a justiça.

G. MADUREIRO.

O' tempora, o' mores

A scena passa-se no Paraizo, quinta rica em sombra e fructa, com agua nascente e que o Todo Poderoso alugou ao nosso Veneravel Pae Adão, sob a clausula d'elle se conservar

nossos progenitores e lhes recomendava paternalmente que não se affastassem e que de tudo comessem excepto do fructo d'uma arvore que tisticamente estendia e levantava aos ceus, seus ramos seccos, onde nem sequer os passaros poizavam. Pae Adão estúpido e saciado, jámais re-

novamente a tentação se apoderou d'ella e n'um repente Eva colheu a maçã. Deu uma dentada furiosa. Por entre os beijos corria o sumo que ella sorvia n'uma ancia bestial. N'um arremesso guloso ia devorar o resto da maçã, quando Adão lhe bateu no hombro. Buscara-a em vão e deses-

Portugal pittoresco



NO RIBATEJO — Propriedades do Ex.^{mo} Sr. Palha Blanco

sempre na eterna estupidez d'uma continua ignorancia. Pae Adão inexperiente aceitou o contracto e ei-lo com a sua companheira, passeiando sob as copadas ramarias nos bosques de betulas e faias n'aquella «toilette» simples e barata de parra. Nosso Pae apoiava-se guerreiro a um tronco nodoso, ao passo que nossa Mãe, com a natural e eterna garridice da Mulher, trazia ornando-lhe a grenha hisurta, onde o pente jámais entrara, florinhas silvestres, colhidas n'um arbusto dos tantos que allí havia para de leite e consólo dos olhos e olfacto de nossos Veneraveis Paes. Receioso que se perdessem pelas inextricaveis sebes onde o sol nunca entrara, tão luxuriante era a vegetação, todas as noites o Todo-Poderoso chamava os

parara n'ella. Por entre tantos troncos seculares que allí se erguiam com as pernas esgalhadas ao pezo da fructa, acaso podia elle ver aquelle tronco carcomido, onde a folhagem rareava e onde um unico pomo amarello e bilheirento expunha á luz coada pelas folhas a face escaveirada onde a podridão medrava? Porem ella a Mãe Veneravel bem a vira, e a tentação taes cousas lhe disse que ella, cheia de desejo, correu, cabellos ao vento, ao ramo onde o pomo se balançava e soffregamente lhe lançou as mãos. Abriu as com um grito! Pois ella que enterrava os dentes nos mais succulentos fructos, iria nas suas queixadas possantes moer aquella maçã semi-pôdre, onde o bicho cugulava? E ia voltar para traz, porem

perava já de a encontrar, quando um remalhar de folhas seccas, misturado a uns sons roucos, lhe fez perceber a sua presença. Eva voltou-se e logo Adão reparando na desobediencia ao preceito do Senhor, desatou n'um berreiro enorme e chegou mesmo a levantar a mão callosa para fustigar as carnes palpitanes e pelludas de nossa Mãe. Porem ella, sublime de dedicação enquanto nosso Pae deixava cahir sobre os seus hombros a mão pezada, sem um grito, sem uma censura, curvada sob a violencia da pancada, levantou o braço e meteu na bocca espumante de Adão o resto da Maçã. E Adão provou e Adão gostou e comeu o resto do pomo. No mesmo instante, o Todo-Poderoso, fulo, mandava pelo Ar-

chanjo Gabriel ordem de despejo a a Nossos Paes, Haviam comido o fructo da Sciencia!

Passados são uns milhares d'annos. A scena passa-se n'um lyceu da capital. Centenas de creanças amarradas a Sciencia são obrigadas a comer-lhe os fructos, aquelles mesmos fructos que Adão provou e que causaram a sua ruina. A arvore cresceu, os seus ramos negrejam e á sua sombra pestillenta, milhares de seres, tentam alcançar um fructo e cahem exhaustos para logo outros subirem e mais tarde cahirem, semelhantes ás borboletas sempre attrahidas pela luz que as queimará. Que differença! No principio do Mundo, Adão é expulso do Paraizo porque ousou comer uma maçã, symbolo da Sciencia, porque ousou querer saber, quaes as leis qual o Principio, qual o Fim d'esta infinita aggregação de infinitos mundos, em que a terra é gotta d'agua no Oceano!

Hoje é adulado, celebrado, invejado, aquelle que estupidamente julga explicar o mysterio do Universo, ao passo que morre de fome, esquecido, invisivel o que vive como nossos Veneraveis Paes no Paraizo: a tudo aceitar e nada explicar!

JOÃO EDUARDO SILVARES

Transfiguração

Sosinha e ao desamparo ella vivia
N'esse pobre casebre abandonado;
Não conhecera pae nem mãe; doia
Fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia,
E consigo a mesquinha suspirava
«Dece Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no ceu azul surgia,
De alvor banhando a murmura devesa
No postigo do albergue a sós gemia
Triste mulher, sem viço e sem belleza.

Chamou-a Deus emfim: quando passava
O singello caixão na triste aldeia,
Melancolico o povo murmurava:
«Vae tão bonita, olhae! e era tão feia!»

GONÇALVES GRESPO

Cumulos

Ser morto por um salva-vidas.

Ceifar com a foice do cerebro.

Abrijar-se da chuva com um guarda-freio.

Desfolhar a rosa dos ventos.

Epitáfio

Aqui jaz um sapateiro:
Sofreu da vida os abálos,
Fez de botas um milheiro
E trinta milhões de cálos.

DECILITRO

A Lua

Quem a não conhece? quem a não corteja, a ella, rainha dos brandos esplendores e das maviosas caricias? Quem não mira e remira a sua face de transparente alabastro, a exhibir-se, a estadear-se no puro azul da noite, coando seus philtros ao planeta, despertando tanta poesia em todos os peitos? Porque o certo é que nem o disco do sol nem a luz que scintilla das estrellas, tão fascinantes e tão vivas, teem para nós os magicos fulgores, os ineffaveis encantos da casta, da branca Lua. Como ella deslisa pela folhagem das arvores! Como ella sorri na ondulação das torrentes! Como ella brinca na superficie dos lagos!

Que fantasiosas lancinações, que peregrinas cambiantes, que tintas e contornos e desenhos os que ella transmite ás aguas e ás relvas, ás estatuas e ás ruinas, aos palacios e aos montes, a todos os scenarios da natureza e a todas as perspectivas da arte!

A Lua! Oh! eu a tenho visto dis-tender suas gazes tenuissimas por sobre as neves do Herminio e bordar suas filigranas prateadas por sobre as vagas do Atlantico; reluzir serena por entre os cedros do Bussaco e retratar-se tremula nos crystaes do Mondego; revestir de uma claridade opalina mysteriosa, os templos da Batalha e de Belem; apagar melancolicamente os fragmentos dos castellos e aloirar suavemente os marmores dos monumentos; escutar arroubada a serenata do rouxinol melodioso e beijar enternecida a flôr da campã solitaria, banhando tudo, espelhando tudo, embellezando tudo, poetizando tudo com o seu meigo e carinhoso brilho, com a sua esbatida e desmaiada luz.

ALVES MENDES.

Um burguez

N'esse dia de tanta commoção
tinha sido o feliz agraciado
com o pomposo tit'lo de barão,
havia muito tempo desejado.

Dias depois dizia com unção,
a todos que o ouviam de bom grado,
que a sua descendencia, sem senão,
remontava á batalha do Salado!

Muitos annos passados já se ouvia
dizer que o seu braço branco e vermelho
fôra da fundação do monarchia!

E se visse mais, dizia já
que n'elle o sangue azul era tão velho
que o pae d'um seu avô foi Jehovah!

MARCO SIRE.

CHRISTO

«Minha mãe, quem é aquelle
Pregado n'aquella Cruz?»
— Aquelle, filho, é Jesus...
E' a santa imagem d'elle!

«E quem é Jesus? — E' Deus!
«E quem é Deus? — Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céos;

E vem ensinar á gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmamente:

Todo amor, todo bondade!
«E morreu? — Para mostrar
Que a gente pela Verdade
Se deve deixar matar.

JOÃO DE DEUS.

O SOMNO

O somno é ao mesmo tempo uma occasião de repouso e um ensejo para reparação dos órgãos. Como quem diz; um descanso exigido para concertos. Tal como a entrada de um navio n'um dique. Entra lá, porque não pode navegar e entra para que possa navegar. Assim o repouso organico de que o somno é a representação mais saliente.

Emquanto se dorme reparam-se não só as perdas devidas ao trabalho cerebral, senão também algumas deriyadas do trabalho muscular; por isso mesmo, que o cerebro *entra no dique* ou porque tenha trabalhado bastante ou porque os musculos estejam exhaustos por anterior trabalho. Ora um musculo sente-se fatigado, impotente, tanto quando trabalha além de certa conta, como quando é mal alimentado ou mal aquecido desde que no corpo, de que faz parte, escasseie o elemento comburente, oxigenio, que haja de queimar o combustivel (hydrogenio, carbone, azote e varias coisas mais) industriosamente disposto nas ubiquas fornalhas do organismo.

Por tanto o somno apparece ou logo que haja uma grande anoxihemia, que obrigue os musculos a suspenderem ou ao menos a moderarem o seu trabalho, ou logo que sobrevenha cansasso notavel dos musculos respiratorios ou outros.

J. T. DE SOUZA MARTINS.

Epitáfio

Dorme aqui Julio Clemente,
Esculápio dos mais facêtos,
Um sóno eterno e serêno,
Fazia a qualquer doente
O que a tropa fez aos prêtos
No Cuamata pequêno.

DECILITRO

O CONTRA-REGRA

É uma designação que está em completa discordância e antinomia com as funções da entidade scenica, a que é applicada.

Não é contra a regra, mas sim a favor da regra, do regulamento, das praxes, das leis internas do theatro, das ordens da Empresa, que a missão d'essa entidade se define e accentua.

O contra-regra é como um adjunto do ensaiador, um sub-delegado da Empresa.

Tem duplas funções technicas e disciplinares.

Dá os tres signaes regulamentares que antecedem o espectáculo; vigia pela devida collocação da mobilia; requisita os pertences de scena; regula as subidas e descidas do panno de bocca; indica aos artistas e á figuracão as suas entradas; aponta e rege os sussurros e vozearias fóra de scena; solta os vivas ás vezes com uma convicção digna de mais altos destinos; falla ao publico se caso imprevisto assim o exige; e nas revistas, quando ha scena fóra do panno, é elle o chefe do quadro, que deita falla e recebe as primeiras palmas ou as piadinhas trocistas do publico.

Mantem a ordem e silencio nos bastidores e n'esse encargo por vezes difficil tem de revestir-se de toda a sua gravidade auctoritaria.

Com o actual regulamento, que não consente que ninguem se divirta no theatro depois da meia noite, a missão do contra-regra augmentou muito de importancia. Depende d'elle o regular a duração dos intervallos e o andamento do espectáculo de modo a que não exceda a hora fatal e o seu modesto relógio passa a ser o chromometro official da noite.

Apesar das suas funções difficeis e importantes o contra-regra é outro trabalhador obscuro do theatro, que o publico não conhece nem aprecia.

Nas companhias de provincia ou nas excursões artisticas elle accumula as funções de aderecista e a sua tarefa torna-se então mais espinhosa e fatigante.

Tem de arranjar tudo, inventar coisas que faltam, substituir outras, preparar a scena com o que... não ha e n'essa faina improba recorre a variadissimos expedientes e subterfugios, succedendo-lhe por vezes os casos mais extraordinarios.

D'uma vez, n'um theatro da provincia annunciava-se o *Santo Antonio*, a conhecida oratoria de Braz Martins. O contra-regra possuia todos os pertences, faltando-lhe apenas o baculo para o cardeal. Alguem da terra que o viu afflicto, promptificouse a arranjar-o, garantindo que nunca apparecera em scena nenhum tão bello e perfeito. A' hora do espectáculo parava á porta do theatro um gordissimo bacoro! uma verdadeira perfeição, como o homem dizia.

N'essa noite o enviado de Grego-

rio XI entrou em scena empunhando a bengala do contra-regra, forrada de papel pintado!

Que curiosissimo livro anedoctico daria o apanhamento de mil casos originaes e extravagantes, que se dão n'esse especialissimo mundo de bastidores.

SALVADOR MARQUES

Uma flôr

(Para o album do meu amigo J. Côrtes na despedida).

Pedes-me para o teu album
Uma obra da minha lavra,
E eu não sei o que hei de dar-te,
Olha que não sei, palavra.

Sabendo-te apaixonado
De lindas, mimosas flôres
Quiz dar-te um ramo composto
De rosas, cravos e amôres,

Mas no meu pobre jardim
Tão ermo, tão sêco e triste
Somente abrolhos vegetam
Só o martyrio é que existê.

Mas espera... agora mesmo
Achei n'elle um'outra flôr
Tem a côr da soledade,
E tem da tristeza a côr.

E' a saudade e agora
Quazi ao apartar-me de ti,
Eis a flôr que o grato amigo
Deve vir plantar aqui.

Foi sugerida, inspirada
Por sã, leal amizade,
Dá pois, lugar no teu livro
A' minha pobre saudade.

Lisboa-1907.

RAUL VIOLETA.

Para que ser honrado?

Cá na terra entre todos o direito
E' de quem for velhaco ou mais bregeiro;
Só queimando-se insenso onde ha dinheiro,
Tem quem mais pulha fôr melhor conceito.

Embora seja honrado e bom sujeito,
O pobre nunca passa d'um sendeiro,
Enquanto o vil e ricaço onzeneiro
E' tido por illustre e de respeito.

Assim, só é feliz, d'esta maneira,
Quem não tiver vergonha e conseguir
Ser mestre no myster da roubalheira.

E então onde ha motivo para rir,
E' quando a estupidez é conselheira
Enquanto que o talento anda a pedir.

SOARES JUNIOR

(Do livro *Coisas do nosso burgo*
a entrar no prélo).

Semana Alegre

— Emprastas-me dez tostões?
— Com tódo o gosto. Olha... desconta-
nos nos dois mil réis que me deves.

— Morreu o medico Aristides Laranjeira.
— Eu bem disse que aquêla mania de tra-
tar-se a si proprio lhe havia de sêr fatal.

A PALAVRA

Só a palavra, mais audaz do que os Ictinos e os Callierates, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e ideaes que o Parthenon de Athenas. Só a palavra, mais commovedora e persuasiva do que o plectro dos Orpheus, encadeia á sua lyra magica estas féras humanas ou deshumanas, que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas allucinações.

LATINO COELHO

CURIOSIDADES

A Casa Pia de Lisboa. — Esta instituição de caridade é uma das obras de Diogo de Pina Manique.

Era constituída por um conjunto de collegios, de casas de beneficencia e educação, dirigidos com todo o carinho e cuidado.

Muitos dos nossos grandes homens nas lettras, sciencias e artes foram alumnos da Casa Pia e n'ella receberam o alimento espiritual.

Constava do collegio de S. Lucas em Lisboa e de muitos outros, entre os quaes havia o *Collegio da brôa*, em Coimbra assim designado pittorescamente pelos conimbricenses.

Logo que Pina Monique deixou a Intendencia da policia, começou a instituição a decair, chegando a ser extincta no tempo das invasões francezas.

VARIÉADES

Sôpa de couve-flôr

Juntem-se duas colheres, das de sôpa, de farinha de trigo a duas de boa manteiga de vaca e põha-se esta misturada a derretêr, numa caçarola, a fogo brando e mechendo sempre. Em fervendo, deitem-se-lhe duzentos gramas de leite, tempêre-se de pimenta e continue-se mechendo.

Tenha-se cosido, á parte, em agua e sal, uma couve-flôr (só a flôr), pouco mais ou menos meio kilo. Junte-se a agua em que se cosou a couve ao conteúdo da caçarola e, em o polme estando bem grosso e ligado, lance-se-lhe a couve cosida, partida em pequenos pedaços. Deixe-se fervêr mas não tanto que desfaça os raminhos.

Esta sôpa deve começar a fazêr-se meia hora antes de sêr servida.

POSTA RESTANTE

P. Q. — Está muito zangado e vae riscar-se de assignante porque não lhe publicámos os versinhos. Pois risque que não nos dá isso cuidado. Mas o que diriam os nossos leitores se lhes dessemos uma poesia que tem esta *formosa* quadra e é a melhor.

O' doce Maria que tens escripto na face
O suspiro que te envia o que muito te adora,
Aquelle que só por ti vive noite e dia
E só por ti, minha adorada, só por ti chora.

Pelo correio de 2.ª feira foi-nos trazido um embrulho rectangular, branco, que nos pareceu conter photographias; não o recebemos por vir multado em 180 réis.

Aqui fica o aviso ao remetente, quenos é desconhecido.



QUAL É ELLA?

Decifrações do numero antecedente

Tetrico—Retrogrado—Contra-erya—Caramello—Nutriy—Tambaca, Ambaca—Moquenco, moquenca—Granada, grada—Maranha, Maranhão—Salles, sellas—Perca—Conforto—Desconfiado—Gallo—Cabello—Joanne, Godim, Ebral, Areza, Veade.

Logogriphos

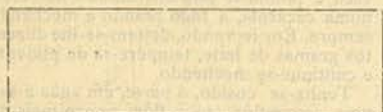
De formas arredondadas
E pelo muito crescido
Tenho muitas condições
Para ser appetecido.—1, 2, 8, 4, 3, 9

Mas creiam, pois é verdade
Que sou fructo apreciado.—3, 7, 5, 6, 9.
Embora digam alguns
Que ha melhor e mais gabado.

Eu, porem, teimo e reteimo
Qu'em abysmo tão profundo.—6, 2, 3, 7, 8, 9
Não ha, não, peixe melhor.—6, 4, 1, 8, 9
Em parte alguma do mundo.

Eis a razão porque o todo
Deslumbra, cega, fascina,
Mas ao cegar-me, affianço,
E' certo que me illumina.

J. P.

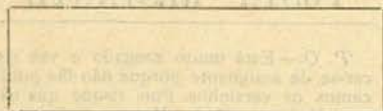


Rapidos

Quantidade Isolado
1, 2, 3, 4, 5, 6 7, 8

Abundante

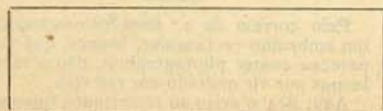
J. P.



Nota Pedra
1, 2 3, 4

Oblação

J. P.

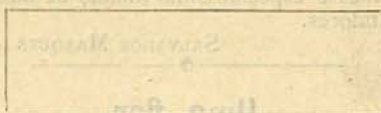


Charadas

Noviesimas

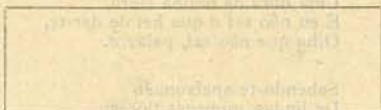
Na musica este animal dá uma corrida.—1-2.

PINGOLINHAS



Do barranco dei um pulo para o marmore.—1-2.

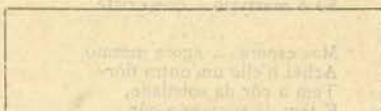
AÇNAREPSE



Biforme

No dorso d'uma ladeira.—2.

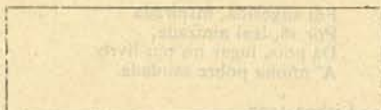
E. RAMOS



Transposta

A vagem é do corcunda.—2.

AÇNAREPSE

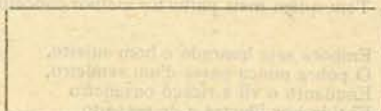


Enygmas

Typographicos

D rija

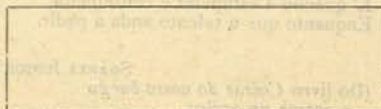
LITRAS



SO

LO

GAMA



T

PA

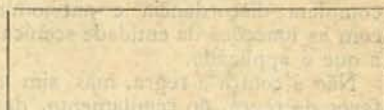
J. F.



Duplos

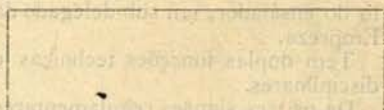
MA

J. E.



MA

J. E.



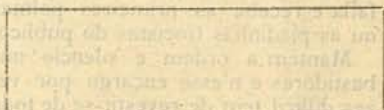
VGT

ALPHA



K K K

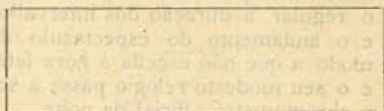
PINGOLINHAS



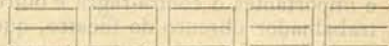
G E D A F T M

2 4 1 3 2 1 2

ISAURA

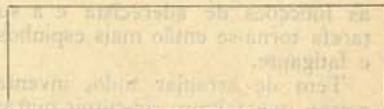


De palitos



Tirando 6 palitos fica uma ilha.

J. P.

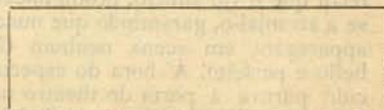


Chorographico

* P *
* I *
* R *
* I *
* L *
* U *
* M *
* E *

Terras portuguezas.

J. P.



Artigos a decifrar, 17.

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

COSTA JUNIOR
Doenças dos Olhos
R. Nova do Almada, 64, 1.º — Da 1 às 5 da tarde

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos encordados para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 às 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ MEDICO CIRURGIÃO ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor.
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as nbras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receitauario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)



BICYCLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTAÇÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. DA COSTA BRAGA-21 RUA MARIA 23 LISBOA
BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUXO POR PREÇOS BASTANTE ACESSIVEIS
REPARAÇÕES E REPARAÇÕES
SUCURSAL DE LISBOA - PRAÇA MARQUÊS DE PAREDES 109 - CAMPO GRANDE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficara verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletes das mais modestas as de maior luxo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo reclamos esphafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

Imprescindible de Azulejos

Maria Valles

Luis Cardoso

PIANO

Tempo di marcia

f marcato

rall.

p

pp

cresc.

al fine

f

DC

fine

f marcato

ff